

## APROFUNDAMENTO DA FICHA 7

### 7. O amor é um juízo: mesmo se erro, sei o que me corresponde

*Para aprofundar o tema da ficha 7 da Escola de Comunidade, propomos um trecho da música Assenzio [Absinto] de J-AX e Fedez; e uma parte da Assembleia com Pe. Julián Carrón na Equipe dos Colegiais (Cervínia, 3 de setembro de 2016).*

“Se desse para apagar todo o mal, eu o beberia como absinto  
Esta noite  
E quantas vezes gostaria de ter berrado  
Mas fiquei em silêncio  
Pensando nas coisas que perdi  
Imaginando que fosse diferente  
Há meses não me olho no espelho  
Faz tempo que suspeito que dentro do reflexo  
Esteja aquela máscara que colocaram em mim”

Essas palavras de *Assenzio* expressam uma verdade que todos já experimentamos: achar que perdemos tudo, que só recitamos, que queremos apagar todos os erros do passado e finalmente tirar a máscara que colocaram em nós. Mas será que há um caminho para não deixar toda essa insatisfação à mercê da “depressão” de alguns momentos? Será que essa insatisfação pode ser um recurso para encontrar o que é verdadeiro? A Escola de Comunidade deste período e este diálogo entre um estudante e Carrón, ocorrido na última Equipe dos Colegiais, nos testemunham uma forma pela qual o coração – o mesmo coração que fez J-AX e Fedez escrever essa música, assim como o coração de Pedro com Jesus ou desse estudante com os seus amigos – pode reconhecer o verdadeiro amor que apaga o mal e nos permite olhar para o espelho sem suspeitas.

#### **Da Assembleia com Julián Carrón durante a Equipe dos Colegiais\***

*Este verão foi muito significativo para mim, porque cheguei às férias dos Colegiais desejoso de descobrir relacionamentos que realmente deixassem algo em mim, e de encontrar pessoas que realmente se interessassem por mim.*

Por quê? Por que normalmente as relações com as pessoas não deixam nada em você?

*Pois é, agora vou contar.*

É impressionante como vocês começam a falar. Não é que as relações bastem, há muitas relações que não deixam rastros em nós.

*Pois é. Antes das férias eu tinha passado alguns dias na base da diversão, de sair à noite com os amigos, com uma companhia com a qual ficava bem. Eu me divertia. Mas, depois de voltar para casa, de tudo terminar, sentia a amargura na boca e sentia que não estava plenamente feliz.*

Veem como o detector funciona em vocês? Não podemos fingir que não temos o critério »

\* Anotações da Assembleia com Julián Carrón na Equipe dos Colegiais, Cervínia, 3 de setembro de 2016.

» com que julgar tudo. O que quer dizer para você sentir “a amargura na boca”? O que quer dizer que você descobre dentro de si – sem que Pigi precise vir fazer a homilia, sem que precise vir Albertino ou um anjo do céu – essa amargura que lhe dá o indício para entender que há algo que não funciona? Não precisamos de outro que venha de fora. Não tente me enganar dizendo “Não sei, estou perdido”. Não, você não está perdido de jeito nenhum. O problema é se somos leais com essa amargura que sentimos na boca ou não. Ponto final. A questão é uma seriedade consigo mesmo. Não ponham a culpa nos outros, naqueles com quem vai à discoteca, naqueles que não te lembram disso, nos amigos que não te ajudariam; você tem o amargo na boca e deve decidir se segue esse amargo ou se segue o que te leva a algo diferente do amargo. E quem decide isso, pessoal? Cada um de nós, mas não para ir para o céu no futuro, não porque senão vamos para o inferno no futuro, porque o inferno começa aqui e o céu começa aqui.

*O que mais me incomodava nessa amargura que sentia era a minha incapacidade de falar dela com esses amigos. Eu sentia essa inquietude, mas não conseguia falar dela com eles, tanto porque não me sentia entendido, quanto porque para eles não importava de verdade o que eu era, mas interessava apenas a noitada.*

Mas você acha mesmo que dá certo com seus amigos travar um diálogo sobre uma coisa abstrata? Vai ter de mostrar a eles que encontrou algo que te ajuda a entender; Você começou a sentir algo que não era amargo porque alguém lhe explicou?

*Não, porque senti um interesse.*

De fato, o método que Jesus usa é totalmente diferente. Mas, como não nos damos conta disto, fazemos discursos aos outros. Mas fizeram a você um discurso quando encontrou o Movimento? Jesus – ponham na cabeça! – não perdeu nem um minuto fazendo propagando quando encontrou João e André, nem um minuto! “Vinde e vede”, disse. Mas muitas vezes, não sendo conscientes de como aconteceu conosco, mudamos o método e então pensamos que para encontrar as pessoas precisamos dar uma aula. Deus inventou outro método. Quer te fazer entender o que é o amor? Em vez de lhe dar uma aula sobre o amor, faz você se apaixonar, uma experiência por meio da qual entende muito mais o que quer dizer amar uma pessoa e ser amado. Não lhe faz um discurso, faz acontecer para você, faz suceder para você para que não possa reduzir a um discurso abstrato. Faz você nascer numa família na qual é amado, lhe dá amigos por meio dos quais entende a diversidade das relações, como dizia antes: relacionamentos que deixem um rastro em você. Não é tudo igual, nem qualquer forma de ficar junto com os outros, nem uma família é igual à outra, nem os amigos são todos iguais aos outros. Não é tudo igual. E Deus faz acontecer o amor para que possamos entendê-lo. O amor não é uma palavra abstrata. Sabem por que ocorre o amor? Porque, quando acontece a experiência de amar e de ser amado, você o percebe, e quando não acontece você sente o amargo na boca. É fácil. Deus faz de um jeito fácil. A questão é que nós, para comunicá-lo aos outros, precisamos nos comportar como Deus, não podemos fazer de outra forma. Como vimos: a nossa amiga em Dublin pode encontrar-se diante de um jovem turco que não sabe de que está falando, e como o faz entender? Vivendo. Vivendo! Se você não se dá conta disso, diz: “Sou incapaz de comunicá-lo e meus amigos não entendem”. E você vai começar a pôr neles a culpa porque não entendem; mas não podem entender através de uma “explicação” sua. O problema é que você não se dá conta de que quem não entende é você, porque usa um método para fazê-los entender pelo qual é impossível que entendam. Isto me interessa particularmente, porque senão vocês entram num beco sem saída e, em vez de ficarem exaltados com o fato de eles verem uma diversidade em vocês, pões a culpa neles porque não entendem. E aí? O que fazemos? Talvez devamos oferecer-lhes um curso para prepará-los para entender? Uma espécie de pré-evangelização? João e André fizeram um curso de pré-evangelização, pré-encontro? Não! João e André já estavam prontos para o encontro. Você já estava pronto para o encontro. O outro já está pronto para o encontro. Por isso é preciso »

» que aconteça o encontro; não que você explique ao outro o encontro, mas que lhe suceda. Você está pronto para ficar apaixonado?

*Estou.*

De fato, basta que aconteça. Claro, não é certo que vá acontecer só pelo fato de você o desejar. Mas você já está pronto, para que esse evento se verifique não precisa de nenhuma condição particular, a não ser a sua humanidade. Você já está pronto. O Mistério te criou pronto para o encontro, para cada encontro da vida que é só um pequeno reflexo do encontro verdadeiro, exaltante, que é o cristão.

*Com esse desejo cheguei às férias dos Colegiais, onde encontrei alguém que estava na mesma situação que eu, ou seja, insatisfeito com o que vivia com seus amigos de balada e desejoso de alguém que respondesse à sua necessidade de algo que dure para sempre, ou pelo menos de algo mais que uma noite na balada. Ao contrário de mim, porém, ele tinha conseguido entender que tudo o que tinha não lhe correspondia e tinha se afastado daquela vida e daqueles amigos que não tinham nenhum sabor nem o faziam feliz. Com essa pessoa nasceu uma relação incrível na qual, efetivamente...*

Vê? Como o Mistério respondeu ao seu problema?

*Eu encontrei uma pessoa.*

Perfeito! É isso o que eu queria dizer antes. O Mistério se tornou carne, a explicação se tornou carne. O discurso se tornou carne e sangue em alguém. É assim que Deus responde. Antes de mais nada, faz com que você encontre alguém em quem já aconteceu.

*Nasceu uma relação na qual me sinto correspondido em meu desejo. Ele não apenas me fascina porque representa um testemunho a respeito do que era a minha situação, mas porque viz que ele conseguia e ainda consegue despertar em mim o desejo, manter desperta em mim a vontade de ser feliz e principalmente de poder ser eu mesmo diante das dificuldades mais urgentes para mim. Experimento com essa pessoa o que estava procurando e desejando desesperadamente: uma relação na qual ser livre e na qual sentir um interesse real pela minha pessoa, sempre e em todo instante, não relegado a um momento do dia, como podia ser a minha noite na balada. No entanto, terminadas as férias dos Colegiais, algumas semanas mais tarde, eu recaí no erro do começo do verão, ou seja, confundi de novo aquilo de que precisava, e por isso passava os meus dias numa cadeira de praia e de novo, à noite, passava o tempo em restaurantes de luxo e lugares da moda com os mesmos amigos de antes.*

E então? Agora escolha.

*Naquele momento ficou evidente a desproporção entre o que eu tinha encontrado de grande e o que estava vivendo naquele momento. Eu me sentia completamente sozinho, abandonado por aqueles amigos que não me correspondiam; era mesmo um momento de tristeza infinita, também na relação com a minha namorada. Naquele momento de tristeza e de desespero, não consegui procurar ninguém além daquele meu amigo que tinha encontrado nas férias. E mais uma vez me senti renascer com ele, mais uma vez ele tinha me despertado diante das urgências da vida, e não porque tivesse resolvido todos os problemas que eu tinha, mas simplesmente porque mi indicava e me testemunhava um modo de ficar diante daquelas dificuldades com o meu desejo de felicidade.*

Eu lhe agradeço muito que você tenha descrito a dinâmica que viveu, porque isso nos ajuda a entender que o encontro cristão não é algo de mágico que ocorre uma vez por todas e depois tudo fica resolvido. Nós podemos, depois de ter visto, voltar ao ponto de antes. “Vê que não serviu para nada as férias?”, nos dizemos tantas vezes desencorajando-nos, porque nos medimos apenas pela capacidade de sucesso posterior. Mas é realmente verdade que em você não ficou nada depois das férias?

*Não, senão eu teria ficado com aqueles amigos.*

»

» Você já foi plasmado e já não pode não sentir saudades de você, como eu dizia antes. Não pode evitar o que lhe aconteceu e começa a sentir falta daquilo. É impressionante, porque não é que você não estivesse com os amigos de antes, com aqueles com quem ia à discoteca, e no entanto diz: “Estava sozinho”. Por que diz que estava sozinho, se estava rodeado por todos eles? O que você aprendeu sobre a natureza da solidão?

*Eu me sentia sozinho justamente porque, enquanto tinha experimentado um tipo de relação no qual era continuamente relançado...*

Mas aqueles amigos também te relançavam constantemente... a ir à discoteca!

*Com aquele meu amigo que encontrei nas férias eu conseguia ser eu mesmo.*

Ah! O que te torna você mesmo e então vence a solidão? O que é a solidão? Não é não ter ninguém ao lado, você estava cheio de amigos, porém se sentia sozinho. A solidão de que estamos falando, a verdadeira solidão, diz Dom Giussani, é a falta de significado, é a impotência que sinto perante a minha insatisfação. Por isso posso estar circundado por pessoas e estar sozinho, porque eles não são capazes de responder à minha impotência, à minha incapacidade de ficar feliz. Se estamos em mais, mais, mais e mais, não por isto ficamos mais plenos e menos sozinhos. Cuidado, porque pode acontecer também dentro deste âmbito: se vivermos o Movimento desta maneira, mesmo rodeado por amigos podemos estar mais sozinhos. Porque a questão não é ficar rodeado de pessoas, mas se esses amigos trazem “a resposta para a minha impotência, se me dão algo que deixa um rastro em mim, como você dizia antes, que “me dão algo que responde à minha necessidade; senão, mesmo rodeado de pessoas, fico sozinho”. Impressiona-me que vocês identifiquem todas as questões, por exemplo, que você se dê conta de estar rodeado de pessoas e, ao mesmo tempo, de estar sozinho, isso é genial. Vocês descobrem isso em suas próprias experiências, não sou eu que devo dizer-lhes. Porque, se eu lhe explicasse sem que você já tenha feito experiência, você não entenderia o que digo; mas você entende, e não é porque alguém lhe tenha explicado. Senão, não apenas você perde os amigos, mas também não entende nem sequer a relação com a sua namorada, nem sequer as relações mais verdadeiras e estreitas que tem, aquelas a que você dá mais importância. Tudo se desfaz entre as nossas mãos. Isto é mortal. E não é um problema de moralismo ou da vida eterna, porque diz respeito ao viver agora. Cristo, com efeito, veio para tornar tudo cem vezes mais. Senão, se alguém acaba não encontrando algo que o impeça de perder tudo – pode confessá-lo a si mesmo ou não –, se se sente sozinho mesmo estando com os seus amigos, o que são esses amigos? Nada. Como pode ser afeiçoado a eles? Simplesmente está afeiçoado superficialmente, porque vai com eles à discoteca, e não porque te levem a responder ao seu desejo de felicidade. Quem é o único amigo? O amigo é quem é capaz de me ajudar a responder à única coisa que desejo na vida: ser feliz. Se não responde a isto, está brincando comigo. Não é amigo, mesmo que eu o chame de “amigo”, porque nós chamamos de “amigo” o primeiro que passa na rua porque vamos beber uma cerveja com ele, mas depois não deixa um rastro em nós. Então começamos a entender o que significa ser amigo, o que é ter um amigo, o que é vencer a solidão, o que é ter um relacionamento verdadeiro com a namorada. E quando a pessoa vê que tudo se desfaz, não pode não voltar, não pode não ter saudades do amigo graças ao qual renasce. Entendem por que somos cristãos? Não porque sejamos melhores – de fato podemos fazer as mesmas besteiras que todos –, mas porque nos sucedeu algo que já não podemos tirar de dentro de nós; tropeçando, indo para frente e para trás, decaindo, desencorajando-nos, mas sem nunca mudar o caminho. Por quê? Porque é aí onde o eu renasce até mesmo das próprias cinzas, como você vê. Não se assustem se puder acontecer esse desencorajamento. A coisa mais importante é que, quando o Senhor os torna de novo conscientes disso, vocês se lembrem daquele amigo; e então você poderá ceder de novo e segui-lo, e não flagelar-se porque decai. Que »

» mistério há no fato de a fraqueza ser fraca e você se perder um segundo depois? Como diz Giussani: não é que no dia seguinte Zaqueu não tenha mais discutido com a mulher. Mas nós temos uma imagem da santidade que é como um ser absolutamente sem manchas; aqui está todo o drama do viver. O único problema não é que nós não erremos. O Evangelho nos disse tudo o que Pedro fez, não apagou nada, assim como nós não devemos apagar nada do que nos acontece, porque é isto o que nos torna conscientes do fato de eu poder errar tantas vezes, mas não poder deixar de me lembrar do amigo que me fez renascer. Agora decidam! Todo o drama está aqui, no momento em que me dou conta de novo e a partida recomeça, o drama recomeça. E todos os erros que pude fazer não me impedem de voltar. Ninguém te impediu de voltar. Toda a vida se joga neste instante, e Deus fez tudo o que fez para suscitar alguém que Lhe diga sim, mesmo depois de tê-lo negado. Jesus, com efeito, não se detém no que Pedro fez, mas Lhe pergunta: “Tu me amas?”. E eu Lhe pergunto: “Você quer a vida que encontrou? Quer renascer?”. Então procure isso! Ninguém te impediu, ninguém pode te impedir, mas ninguém pode te poupar. Essa é a sua liberdade, o drama da sua liberdade. Porque, como diz Péguy, que citei nos Exercícios da Fraternidade (é estupendo este trecho de Péguy!): “Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livremente” (“Il mistero dei santi innocenti”. In: *I Misteri*. Milano: Jaca Book, 1997, p. 343). Deus não quer servos, não quer escravos, quer amigos que O amem como homens livres, livremente. Você prefere que te amem livremente ou não? E Deus haveria de ter uma preferência pior que a sua?